

Dionísio Vila Maior  
Maria Aparecida Fontes  
(organizadores)

# MULTICULTURALISMO ÉPICO





***MULTICULTURALISMO***  
***ÉPICO***

FICHA TÉCNICA

Título: *Multiculturalismo épico*

Organizadores: Dionísio Vila Maior e Maria Aparecida Fontes

Coleção: TEMAS COM(N)VIDA

Diretores da coleção: Annabela Rita e Dionísio Vila Maior

Imagem da capa: Vaso para misturar vinho com água. “Aquiles contra Heitor” (500-480 A.C.). Museu Britânico, Londres

Composição & Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Lisboa, Junho de 2020

ISBN — 978-989-9012-45-5

Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. no âmbito do Projecto UIDB/00077/2020

Dionísio Vila Maior e Maria Aparecida Fontes  
(Organizadores)

***MULTICULTURALISMO***  
***ÉPICO***

CLEPUL

Lisboa

2020



# Índice

<b>Introdução</b> .....	7
<b>HAROLDO DE CAMPOS E O “ÚLTIMO ODISSEU”</b> Maria Aparecida FONTES .....	13
<b>A EPOPEIA DE UM HERÓI LUSITANO: <i>VIRIATO TRÁGICO</i>, DE BRÁS GARCIA DE MASCARENHAS</b> Barbara GORI .....	33
<b>AS TENDÊNCIAS ÉPICAS DO TEATRO NACIONAL NA EUROPA DO SÉCULO XIX</b> Charlotte KRAUSS .....	51
<b>ATUALIZAÇÕES DO ÉPICO NO CINEMA DE STRAUB &amp; HUIL- LET</b> Fernando de MENDONÇA .....	63
<b>MULHERES, CORPOS E EPOPEIAS INVERSAS</b> Assia MOHSSINE .....	75
<b><i>UT PICTURA POESIS?</i> INTER-RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE A <i>COMMEDIA</i> E REPRESENTAÇÕES VISUAIS DO INFERNO NA ITÁLIA EM FINS DO MEDIEVO</b> Tamara QUÍRICO .....	95

O FOLHETO DE CORDEL ÉPICO	
Christina RAMALHO . . . . .	113
REVISITAÇÃO À “ODISSEIA” GARRETTIANA	
Annabela RITA . . . . .	131
LITERATURA DE CORDEL. EXERCÍCIO DIALÓGICO	
Dionísio VILA MAIOR . . . . .	141

# INTRODUÇÃO

O livro *Multiculturalismo épico* é resultado de algumas propostas elaboradas pelo Grupo internacional e interdisciplinar de pesquisa, também chamado GT 19, sob o título “Figuras do épico: identidade e representação nacional na literatura italiana e em países lusófonos”, cujo objetivo é pensar o épico (e/ou anti-épico) e os conceitos de “nação”, “nacionalismo” e “identidades” através de um conjunto de figuras vinculadas à construção do *epos* capaz de tecer e modelar relações entre (trans)territorialidades, temporalidades descontínuas e identidades coletivas. O Grupo de Trabalho 19, criado em 2018 e coordenado por Maria Aparecida Fontes (da Università Degli Studi di Padova), Barbara Gori (da Università Degli Studi di Padova) e por Dionísio Vila Maior (da Universidade Aberta, de Lisboa, e integrando o CLEPUL), faz parte de um projeto de pesquisa bem maior que reúne, sob forma de centro internacional de pesquisa, estudiosos/as de diferentes nacionalidades e de diversas áreas do conhecimento. Trata-se do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos, da Universidade Federal do Sergipe (CIMEEP), fundado em 2013 e coordenado por Christina Ramalho, com quem, em diversas reuniões, a coordenação do GT 19 estabeleceu um percurso de pesquisa e um programa de trabalho que, previstos para o biénio 2019-20, pudessem dar voz aos insumos teóricos e críticos dos projetos em curso.

Foi assim que, a partir desse espírito de colaboração e construção de um espaço comum de diálogo, idealizamos este primeiro volume sobre multiculturalismo épico, que inclui textos muito distintos (aqui entretanto distribuídos por ordem alfabética do apelido dos autores), porém interdisciplinares e em completa sintonia com a produção teórica e crítica acerca do género épico, estudos sobre a dimensão do *epos* nacional e transnacional em diversos territórios e culturas, não mais restritos às tradições clássicas e ao contexto europeu, o que permitiu ainda a inclusão de artigos que se propõem às releituras do épico a partir do diálogo com o Cânone Ocidental, bem como às análises de outras linguagens (inclusive híbridas) a partir de uma perspectiva épica, tais como o teatro, o cinema, as artes plásticas, o cordel épico, etc., as quais assumem um lugar de reafirmação da identidade histórico-cultural.

O épico como “imagem do mundo”, transformada em figuras através de suas metamorfoses e repetições ao longo dos séculos, deixa de ser apenas um gênero e passa a constituir um modo de pensar. Essas figuras conservam e exprimem informações destinadas a construir um conteúdo do saber ligado à transmissão do repertório ideológico, imaginário e histórico (também nacional) que interagem com o pensamento e apresentam uma estrutura informativa complexa, mas flexível, que garantem muitas operações intelectuais. Ao investigar como se processa essa operação, é possível compreender como essas figuras constitutivas do épico modelaram comportamentos e identidades, construindo nações, sentimentos de pertencimento e imaginários, provenientes, inclusivamente, da história mais recente, da difusão do conceito de nação na Europa no início do século XIX. Nesse sentido, a literatura, as artes, o teatro, passaram a desempenhar, de modo geral, um papel pedagógico na disseminação do ideal identitário nacional.

O artigo de **CHARLOTTE KRAUSS** (Universidade de Poitiers), evidencia que, no período acima citado, “enquanto a teoria defende em particular a busca de épicos nacionais — históricos ou recém-escritos —, na prática, é o teatro que parece ser o local apropriado para atingir todas as esferas da sociedade”. Entretanto, vários projetos para o teatro, vítimas do “encanto do épico”, tanto na forma quanto no conteúdo, propagam-se em diferentes países, na tentativa de retratar a nação no palco, através de apresentações derivadas de material histórico. Segundo a autora, até à época do teatro à italiana, esse teatro épico não era factível e muitos espetáculos tinham caráter narrativo (vozes narrativas, notas cênicas excessivas, etc.). A autora analisa três obras de diferentes países: *Die Hermannsschlacht* (*A batalha de Arminius*) de Christian Dietrich Grabbe, *La Jaquerie*, de Prosper de Mérimée, e *Boris Godunov*, de Alexander Pushkin. De entre os autores estudados, Charlotte chama a atenção para as didascálias da *Batalha de Arminius*, que se assemelham a uma voz narrativa, descrevendo e comentando a ação, em vez de indicar a composição de uma encenação concreta. Entre os anos 1810 e 1840, a tendência para a narração — que pode ser descrita como épica — pode ser encontrada em dramas históricos de autores de diferentes países europeus, que encenam episódios da história nacional do seu país de origem. Como em todas as peças de Grabbe, comenta Charlotte, “os elementos épico-históricos e os elementos dramáticos se misturam de forma selvagem, sem nenhuma separação entre eles”. “Mas como explicar a tendência épica desses dramas tanto na forma (narrativa) como no conteúdo (batalha heroica)?” “Por que sob a forma de dramas — e não de romances, por exemplo? E, finalmente, por que essas obras estão próximas do

épico?” São questões que Charlotte Krauss propõe para a nossa reflexão: “*As tendências épicas do teatro nacional na Europa do século XIX*”.

A perspectiva histórico-nacional também está presente no texto “*A epopeia de um herói lusitano: Viriato Trágico de Brás Garcia de Mascarenhas*”, de BARBARA GORI (Università Degli Studi di Padova), que reflete acerca do poema épico-trágico *Viriato Trágico*, de Brás Garcia de Mascarenhas (1596-1656), escrito entre 1642 e 1656, mas publicado postumamente em 1699 por Bento Madeira de Castro, cavaleiro da Ordem de Cristo, e oferecido ao rei “Restaurador”, D. João IV, durante os anos da Restauração e da defesa do território português da presença espanhola. O poema pode ser considerado a primeira obra consagrada ao herói lusitano e, segundo as pesquisas da autora, “Viriato encarna verdadeiramente a guerrilha popular da Restauração pela pena de um fidalgo que era um aventureiro nato e uma personificação da tradicional guerrilha peninsular”. Embora o título da obra aponte para a predominância do aspeto trágico na construção e na definição da figura do herói, lembrando que o adjetivo “trágico” do título, como bem observa Gori, refere-se ao fim trágico de Viriato, na verdade é a dimensão épica que predomina no poema, a partir da sua estrutura formal em oitava rima. Além disso, a autora chama a atenção para as características da personagem, típicas do herói, cujas habilidades e ações extraordinárias têm como fim o bem: “o valor militar, a coragem, a habilidade, a astúcia individual, a superioridade que encontram na guerra a máxima expressão e a mais sublime razão de vida, a honra, a valentia física e a família”. Do caráter de Viriato, observa Gori, se entrevê a força de Aquiles, a astúcia de Ulisses, a devoção à pátria de Heitor e a *pietas* de Eneias.

De facto, os textos aqui apresentados promovem uma análise crítica e, em muitos casos, historiográfica da tradição literária e artística Ocidental, através de um *continuum* diálogo que permite reconstruir não somente o percurso estético do épico, mas a sua relação estrutural e simbólica com a história, com os mitos e com o pensamento iconográfico ao longo dos séculos, além da sua importância, evidentemente, para a formação e os impasses da criação literária. A este propósito, o texto “*Haroldo de Campos e o ‘Último Odisseu’*”, de MARIA A. FONTES (Università Degli Studi di Padova), é uma reflexão acerca do poema *Finismundo: a última viagem*, de Haroldo de Campos, que, ao articular a aventura da criação literária ao tema das viagens de Odisseu, descreve em tom irónico um herói urbano, um Odisseu-ninguém — o (anti)herói épico que, construído a partir do naufrágio das utopias e despido da aura mítica conferida pelo Cânone Ocidental (Dante Alighieri, Homero, Mallarmé),

põe em relevo exatamente os impasses da criação literária. A releitura de Haroldo é, como aquela empreendida por Dante n' *Commedia*, uma desleitura deliberadamente alterada na sua essência, em que cada elemento textual se refere a outro, construindo um palimpsesto, uma galáxia de sentidos sobre o fazer poético. Nas palavras da autora, Haroldo de Campos desenvolve o tema das viagens de Odisseu a partir de ruínas e restos poéticos provenientes tanto do Cânone literário, quanto do seu próprio trabalho ensaístico e poético, mostrando a sua aventura pela linguagem. Nessa mesma esteira acerca do avesso do “herói” épico, ASSIA MOHSSINE (Université Clermont Auvergne, CELIS) coloca a interrogação: “De que modo o romance se apoia na tradição clássica para refletir sobre a condição humana e o sem-sentido da história?” No seu texto “*Mulheres, corpos e epopeias inversas*”, Assia Mohssine propõe uma reflexão sobre o heroísmo como uma categoria estética ressignificada na narrativa escrita por mulheres numa chave épica. O artigo, segundo a autora, parte do duplo princípio heurístico, i.e., do épico e do género, como base para focalizar a noção central de heroísmo épico e do modo como é exposto pela escritora mexicana Ana García Bergua em seu romance *Isla de bobos* (2007). Trata-se de uma leitura atenta à construção no romance de um heroísmo anónimo e quotidiano, uma categoria que, como diz, “perturba e desconstrói imagens canónicas do herói épico típicas da narrativa nacional da era pós-revolucionária”.

O tema das viagens de Odisseu é alegoricamente retomado por ANNA-BELA RITA (Universidade de Lisboa, CLEPUL), que, no texto “*Revisitação à Odisseia garrettiana*”, também faz uma releitura do cânone literário e estético, examinando o modo pelo qual as *Viagens na Minha Terra*, de Almeida Garrett, se inscrevem num conjunto de textos que revelam a confluência da revisão da História e da Literatura nacionais na refundação de uma identidade estética portuguesa, advertindo, nesse sentido, a autora: “*Homo viator* entre Homero (ou Ulisses, personagem) e Cristo, o viajante garrettiano de ambos participa na axialidade social e cultural que reclama para o seu verbo”. A *paisagem*, neste sentido, combina natureza e civilização, inscrevendo em si a estética e a cultura, numa equivalência *ut pictura poesis* e, como “Retrato & Paisagem, retrato na paisagem, paisagem com retrato”, o livro que, nas palavras da autora “constitui o museu, o mapa e a nova-aliança dessa ideia de pátria-nação”, oferece-se a um (Autor, Leitor) e a outro (Portugal), originais como “crónica do passado, história do presente, programa do futuro”. A propósito das relações entre “retratos e paisagem”, pintura e poesia, TAMARA QUÍRICO (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), em seu artigo

“*Ut pictura poesis? Inter-relações possíveis entre a Commedia e representações visuais do Inferno na Itália em fins do Medievo*”, observa que a importância de Dante Alighieri não se restringe à literatura, mostrando como o poeta fiorentino, marcado por representações visuais do Inferno de fins do *Duecento* e início do *Trecento*, vai influenciar a pintura italiana contemporânea. Quírico evidencia como a geografia moral do inferno, em particular através das figurações do Diabo, é de extrema importância para a arte italiana, demonstrando como a *Commedia*, exercendo influência sobre as artes visuais, consolidou essa iconografia no imaginário popular.

Contemplando a relação entre matéria épica e o cinema, realizado pelo casal de diretores franceses Jean-Marie Straub e Danièle Huillet, **FERNANDO DE MENDONÇA** (Universidade Federal de Sergipe), no artigo “*Atualizações do Épico no Cinema de Straub & Huillet*”, afirma que “um filme épico é um filme sobre o tempo, um lugar onde a tradição e a invenção se encontram”. O autor faz uma reflexão acerca da matéria épica no cinema, concentrando-se, particularmente, no filme *Moisés e Arão* (1975), adaptado de uma ópera de Arnold Schoenberg, que, por sua vez, se inspira no pentateuco bíblico. Trata-se, segundo Mendonça, de um dos filmes que exploram profundamente os princípios da tradução intersemiótica, permitindo reler, a partir de fontes modernas, a matéria épica, cuja forma, atualização e expansão de seus efeitos, dentro de uma arte em que imagens e sons se conjugam, recuperam e ampliam as possibilidades do espaço-tempo na modernidade.

**CHRISTINA RAMALHO** (Universidade Federal de Sergipe), no artigo “*O folheto de cordel épico*”, antes de tratar do argumento a que se refere o título de seu trabalho, faz uma apresentação do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP), explicando os objetivos do projeto, e uma avaliação acerca da fortuna teórica e crítica da epopeia, capaz de compreender e administrar as transformações estéticas e conceituais por que passou o épico “desde o modelo teórico firmado por Aristóteles e perpetuado por Horário e por toda uma série de pensadores subsequentes”, incluindo, nessas reflexões, (re)formulações teóricas que possam contemplar as novas formas de expressão, as produções literárias e artísticas que dialogam com o épico e que configuram hibridismos. A autora fornece uma lista de nomes de pesquisadores e pesquisadoras que, conscientes das transformações, “tomaram a poesia épica como *corpus* e, cada qual à sua maneira, desenvolveram novas reflexões e novas formas de abordagem crítica ao gênero”, o que os artigos aqui publicados testemunham, resultado da pesquisa desenvolvida nesse biênio de trabalho como membros pesquisadores que compõem o Cimeep. Entretanto, para dar

corpo às suas teorias, sobretudo às diversas formas de expressão do épico, a autora caracteriza os folhetos de cordel, em particular os que desenvolvem uma matéria épica, enquanto obras cuja temática “envolve um plano histórico, um plano maravilhoso e um heroísmo de características épicas, considerando, evidentemente, o sentido de maravilhoso, de história e de heroísmo relacionados à época de cada obra”. Além disso, argumenta a autora, os folhetos de cordel, em geral, apresentam “ilustração frontal na técnica da xilogravura, gravuras ou imagens fotográficas”, o que possibilita também efetuar uma leitura verbo-visual do épico em sua forma híbrida.

Já em “*Literatura de Cordel. Exercício dialógico*”, DIONÍSIO VILA MAIOR (Universidade Aberta [Portugal], CLEPUL), norteado pela leitura da *História da Imperatriz Porcina* (IP) e da *Tragédia do Marquês de Mântua* (MM), de Baltasar Dias, procura equacionar estes dois textos como produções não isentas de uma longa tradição histórico-cultural (também ela formada pelo ciclo dos cantos épicos carolíngios — um entre muitos construídos à volta da figura central de Carlos Magno). Trata-se, no fundo, como diz o autor, de “perspetivar Baltasar Dias, cego cantor que vive num tempo de acentuadas transformações, como um escritor do povo que, especialmente nas vertentes semântica e técnico-discursiva, permanece fiel a uma tradição — entregando-se a um processo de adaptação e de nacionalização —, mas também como um autor cujo trabalho de escrita pressupõe alguma singularidade”. Nesse sentido, propõe o autor neste texto uma breve reflexão sobre a literatura de cordel, nomeadamente sobre o que diz respeito “não só a algumas propostas de classificação desta literatura, à sua capacidade para testemunhar a História, os costumes e as mentalidades, mas também à dimensão estético-literária e ao alcance pragmático que lhe estão inerentes”.

Os Coordenadores

Dionísio Vila Maior & Maria Aparecida Fontes

Padova/Coimbra/Lisboa, maio de 2020